

[N.º 79]

# A FUTURI

DEUS

PATRIA



REI

## MEMORANDOS

Dedicados  
pela Mocidade Legitimista  
Portugueza

No seu  
Decimo nono Anniversario  
Natalicio

I.  
Inda, Senhor, mentida «liberdade»  
Opprime um Povo que por Ti suspira,  
Que oppressão detestando e falsidade,  
A Lusa antiga Liberdade aspira  
Que de enganos cançado e d' impostura,  
O regresso á verdade em Ti procura.  
Mentem — rementem — trimentem  
Os que nosso patriotismo  
Hoje inda infamar intentem  
Com chamar-lhe servilismo.

II.  
D'esses que os pés de tímido estrangeiro  
Foram beijar, abjectos e aviltados,  
Para de gente, esquadras, e dinheiro  
Serem, com que opprimir-nos, ajudados,  
Que ao vil compadre até das Tulherias (1)  
Foram servir, nos tres infames dias!  
Foi a Quadrupla Alliança  
A sua grande proeza;  
Hispanha, Inglaterra, e França  
Contra a Nação Portugueza!

III.  
Quem resistiu durante um lustro inteiro  
(Opprimido a final — e não vencido,) (2)  
Por mar, por terra, ao bando flibusteiro,  
O lixo das nações d'ellas varrido? (3)  
Não foi acaso o Povo Lusitano?  
D'onde lhe veio outro socorro humano?  
Como ousa o bando cobarde  
Vir, com descaro profundo,  
Fazer da proeza alarde  
A' vista de todo o mundo?!

IV.  
Vem, d'escopeta e de punhal armado,  
Embutir-nos á força mil venturas,  
Roubar, fechar o templo profanado,  
Dar-nos no cemiterio sepulturas.  
E sam esses abjectos impostores  
Do Povo Portuguez calumniadores!  
Fallam de papo, alanzóam,  
Sem tino, vergonha, ou pejo,  
De progressos que apregoam,  
Progressos de caranguejo!

V.  
Fizeram, sim, retrogrado progresso;  
Nobre gigante em baixo anão tornaram,  
E d'esse infame, estolido processo  
Os fatuos altamente se adularam!  
(Papalvo que depois deu em tal rede  
Limpar a suja mão pôde á parede!)  
Tinha a Nação Portugueza  
Dos povos inda na escala  
Respeito, poder, grandeza,  
Vienna d'isso nos falla, (4)

VI.  
Eis que de vinte a perdida quadrilha  
Surge, falsa, traidora, e mentirosa,  
Vem do Imperio fazer cruel parfilha,  
De seita ás ordens impia e tenebrosa.  
Equerem d'essa infamia os vis herdeiros  
Passar por patriotas verdadeiros!  
De liberdade e franquia  
Pertendem ter monopolio,  
Fazendo, de noite e dia,  
De Portugal pingue espolio!

VII.  
Nossos Paes, como os Vossos, bem pensaram,  
Que ao corpo social era preciso  
Uma cabeça, qual determinaram,  
De autoridade assento e de juizo  
(Do Povo Portuguez por Ti o apêgo  
Vem d'Ourique, Senhor, vem de Lamego).  
Que fosse essa autoridade,  
Que elles mesmo constituiram,  
Despotica Magestade,  
Jámais em tal consentiram.

VIII.  
Gozar poder despotico, ou supremo,  
Sam cousas mui diversas: a primeira  
E' qual barco sem guia (léme ou remo),  
Das ondas ao capricho (ou da cegueira);  
Mas ultimo recurso era a segunda,  
De alta prudencia creação profunda.  
Não pôde haver monarchia  
Sem tal poder soberano;  
De constituições mania  
E' só maçonico engano. (5)

IX.  
Era o Monarcha, sim, quando escolhido,  
Do poder da Nação depositario;  
Mas tal poder, depois de conferido,  
Ficava sendo firme, e não precario:  
Só por loucura, ou por flagrante abuso,  
Podia o Rei descer do Throno Lusó.  
D'esta sorte, garantia  
Vinha a ser á sociedade  
De concordia, de harmonia,  
De justiça e liberdade.

X.  
Em regra, o Soberano punha o sêllo  
Aquillo que os concelhos decidiam;  
Estes, para estudal-o, e bem sabel-o,  
Seu poder magestático exerciam; (6)  
Vindo ao Rei o negocio, ao sancional-o,  
Podia, se erro houvesse, inda emendal-o.  
Eis o que significava  
O famoso absolutismo,  
Com que as hochechas inchava  
Mentiroso Pedreirismo.

XI.  
E' preciso ser louco, ou sem memoria,  
Para accusar a Monarchia antiga  
(Livre quão paternal — veja-se a historia)  
Como se da Nação fora inimiga:  
Isso a Seita pertende tenebrosa.  
Em tudo, como sempre, mentirosa.  
Essa turba tagarela  
Vê tudo por falso prisma;  
Pois que havia de ser d'ella  
Sem mentira e sem sophisma?!

XII.  
Como na d'Albião, em nossa terra  
Era do Povo a bolsa, era o dinheiro;  
D'elle, pois, dependia a paz, a guerra,  
Tinha de consual-o o Rei primeiro; (7)  
Do Monarcha os direitos e os do Povo  
Só veio a confundir abuso novo  
Com volver ao modo antigo,  
Que esse abuso transformara;  
Sem revoltas, sem perigo  
A Nação se reformara.

XIII.  
Foi isso o que no Porto promettêra,  
Quando se levantou rebelde bando;  
Mas da promessa logo se esquecêra,  
Ou por melhor dizer, d'ella zombando;  
Haver podêra o Reino restaurado  
A seu brioso e nobre antigo estado:  
Mas tal não era o dezejo  
Que a negra seita entretinha;  
Mente sem vergonha ou pejo,  
Nunca direito caminha.

XIV.  
Em vez de convocar as Côrtes d'antes,  
Unicas que a Nação reconhecia,  
Legaes, do Povo, só representantes,  
D'elle sós possuindo a sob'rania;  
Decretam paltratorio á Castilhana; (8)  
Com Portugal assim dando em Pantana.  
Retalhar a Monarchia  
Conseguiram brevemente;  
Em systema de anarchia  
Nos lançaram permanente.

XV.  
Vosso Pai, bem pensando, e mal guiado,  
O Reino quiz livrar da peste infame;  
Mas pela Seita foi sacrificado,  
Que jámais Lhe perdôa tal gravame.  
Quiz ella a Vosso Tio Brasileiro,  
Porque, a mais de rebelde, era Pedreiro.  
Dêram-lhe a Lusa Corôa  
Meia-duzia d'intrigantes,  
Apenas morto, em Lisboa,  
Vosso Avô — ou talvez antes...

XVI.  
Mas a Nação, que o roubo não sanciona,  
Ao saber d'elle, e vendo-se enganada;  
Nem seus proprios direitos abandona,  
Nem á traição, se curva, descarada.  
O que veio depois é fresca historia,  
Nem hoje d'isso aqui farei memoria.  
Mostrarei, porem, aos olhos  
Da juvenil Magestade  
Fataes, modernos escolhos  
Em que deu a Sociedade.

XVII.  
Senhor, nasceste hoje, ha poucos annos,  
Não vistes Portugal qual d'antes era,  
E — se é possível reparar seus damnos —  
Qual por Ti só tornar a ser espera.  
Só força de justiça e de verdade  
Podem regenerar a Sociedade.  
E se, pois, a Providencia  
Inda ao throno Te destina,  
Lembre-te que a Sapiencia  
Está só na Lei Divina.

XVIII.  
Não penses, como Teu Avô terceiro,  
Com seu Ministro duro e talentoso,  
Que interesse mundano está primeiro  
Do que Eterno Infinito — o Religioso.  
De El-Rei Dom Manoel, do nobre Filho,  
Segue, antes, Senhor, o exemplo, o trilho.  
Desvaira completamente  
Inclada humana vaidade,  
Quando quer preferir a gente  
Tempo breve á Eternidade. (9)

XIX.  
Desque entre os homens voga tal doutrina,  
(Nem dos Céos o interesse é já primeiro),  
Vede como os confunde a Mao Divina,  
Que desordem que vai no mundo inteiro!  
Só quem principio e fins em Deus coaduna (10)  
A salvo pôde rir-se da fortuna.  
Taes principios desprezando,  
Veio a dar o Mundo agora  
No que estamos contemplando,  
Que a recta razão deplora.

XX.  
Com politicos de hoje o Estado é tudo;  
O direito, a justiça é bagatela;  
Roubar, mentir, matar, graça d'entruído;  
Honra?... algum tólo só faz caso d'ella.  
E n'isto o mais bonito que eu contemplo,  
E' que hoje do mais alto vem o exemplo!  
Com Rei Ladrão fraternizam  
Outros Reis e Imperadores;  
O roubo, assim, canonizam  
Esses Augustos Senhores!

XXI.  
Cessou d'Astrea o reino entre os humanos;  
Em vez d'ella, domina a «Liberdade»;  
Hoje temos ladrões — mas não «tyrannos»;  
Está regenerada a sociedade.  
Construem os Monarchas, hoje em dia,  
(Jazigo proprio) o templo da Anarchia.  
Senhor, se o throno gozares,  
Como todos esperamos,  
A tal exemplo imitares  
Que Te recuses contamos.

XXII.  
Do Reino Fidelissimo a bandeira  
Sempre abaixo ficou da Cruz de Christo,  
E quando foi nos mares a primeira,  
O seu timbre maior fizera d'isto.  
Trocado hoje o logar — sem ser culpada —,  
Até mudou de côr, d'envergonhada.  
E porque mudado seja  
Tudo o que tanto o magôa,  
E' que Portugal dezeja  
Ver-te cingir a Corôa.

NASCEU EM EUBACH  
a 19 de Setembro de 1853

OS LEGITIMISTAS RECONHECEM-O  
seu Chefe a 16 de Novembro de 1866

A notas dos Memorandos.

(1) Os tres dias de Julho de 1830, em que os refugiados portuguezes, inclusive João Carlos de Saldanha, e seu irmão Domingos tomaram parte muito mais activa que decente. Tambem é sabido que Luiz Philippe de Paris foi padrinho do o Luiz Filipe da Ajuda — Similes cum similibus.

(2) Nunca pude soffrer o nome de «Partido vencido» dado ao Partido nacional — a verdadeira Nação. Só se pôde justamente dizer «vencido» o combatente que, medindo-se com um adversario tem alguma probabilidade de poder vencer ou resistir eficazmente. Mas podia imaginar algum que Portugal houvesse de levar a melhor ás tres grandes nações que nos opprimiram da maneira a mais vil e escandalosa que, jámais se viu? E grande proeza, com effeito, matar moscas com machados!...

(3) Durante as campanhas de D. Pedro em Portugal, como depois nas dos Christinos em Hispanha, quando Evans lá levou a sua gente, a Policia em Londres dizia, que fóra uma felicidade para ella o levarem-lhe de lá para a Peninsula quasi todos os ladrões e vagabundos que mais antes lhe davam que fazer.

(4) No congresso de Vienna Portugal foi contado e reputado ainda como Potencia Grande — e hoje?!

(5) Antes de 1820, já o grande Padre José Agostinho de Macedo tinha, com seu ólio de aguia, previsto bem o que haviam de vir a ser as constituições e seus effeitos entre nós, quando escreveu sobre «A mania das constituições». Os effeitos da mania entre nós são bem patentes. Mas não podia deixar de ser assim; quem esperou jámais effeito sério de macaquices? Essas constituições — impostas ao «constituido»!... — são macaquices da Inglaterra, que não escripta, nem decretada, mas nascida, creada, existente, viva. As constituições posticas são como o traje de comediante, que só por fóra é imperador ou rei, e por dentro fica pertencendo sempre á classe que o mesmo padre José Agostinho assás verdadeiramente caracterisava — «De Reis de noite, bêbados de dia».

(6) O systema da nossa constituição e governo antigo era o mais bello e sabio; continha as garantias de acerto, experiencia e legalidade; sem os inconvenientes do moderno e superficial constitucionalismo — ou charlatanismo, que são muito synonimos. Os negocios, segundo sua natureza, iam, para regulamento e decisão, aos diversos Conselhos, Desembargo do Paço, da Fazenda, do Ultramar, do Senado, da Meza da Consciencia e Ordens, etc. compostos de homens que tinham bem servido longas carreiras, nos logares em que tinham adquirido a experiencia necessaria d'esses assumptos. D'esses conselhos subia por consulta, e pela secretaria competente, ao despacho do Rei o negocio estudado, elaborado, discutido, e decidido, ou indicada a decisão, que o Rei geralmente adoptava, pela formula: «Como parece ao Concelho». E os conselhos para todos os objectos de bem se informar e saber do necessario para decidir com justiça e acerto, tinham o poder magestático; mandavam e decretavam em nome do Rei, ou da Auctoridade Soberana, que Elle representava. Só depois que com a ida da Família Real para o Brazil, e pelas consequências da guerra Peninsular, tudo se deslocou, é que vogaram abusos que precisavam reforma; e que as verdadeiras côrtes deviam, e haviam, de dar-lhes, se a pedreira que estragou e corrompeu tudo, não tivesse logrado a Nação, em 1820 e seguintes.

(7) Um personagem, ministro então e de grande importancia — e na verdade patriota, apesar de suas precepções liberais, e por isso superciliosas, — escrevendo-lhe algum, que dejeou se aproveitasse a mudança de 1838 para repôr o edificio social e constitucional Portuguez em suas bases legitimadas — as côrtes verdadeiras, reformando-se ellas a si proprias, modernizando-se, etc. — respondeu, por escripto (existe a sua carta) as Côrtes antigas, «fora os impostos, não tinham quasi poder algum. Essa bagatela! tinham o que faz precisamente na Inglaterra o grande poder da camera dos communs; e era uma insignificancia!» — E' que o Pedreirismo quer elle dominar tudo, e determinar tudo á pedreira, e nada que d'elle não dimane lhe agrada ou lhe serve.

(8) E' sabidissimo — e senão ahí está o manifesto do Porto, de Fernandes Thomaz e companhia, a testemunhal — que o Apostolado Pedreiro prometteu no Porto, convocar as Côrtes; Não havia em Portugal outras senão as nacionaes, á imitação das de Lamego, de 1143. Porém, como estas não serviam de seita, que queria claudonar, decretou que houvesse «côrtes» castelhanas! — Com que direito?!

(9) Um telegramma de Berlim, do dia

8 do corrente, diz: — «O Imperador Guilherme não receberá o Bispo Crements de Ermeland sem que elle retracte a sua asserção de que as leis da Egreja são mais obrigatorias que as do Estado». — Se a verdadeira Egreja é destinada por Deus a ser a Egreja Universal do Mundo (coisa que consultada a razão, parece inquestionavel); quem pôde duvidar que as leis d'essa Egreja devem preferir ás do Estado — a não se querer que a parte valha mais que o todo, alguns annos mais que a Eternidade? (10) *Hinc omne principium, hinc refert exitum*, dizia Horacio, e mais era pagão, e não conhecia o verdadeiro Deus, e a verdadeira religião, que d'Elle deve diminuir. E estou certo que Horacio nunca diria, se preferissem as leis do Estado ás da Religião; não obstante que Augusto ficava creio eu, alguns furos acima de Guilherme, como Agrippa acima de Bismark.

O DIA 19 DE SETEMBRO

Saudar este dia festivo é dever de subditos leaes, e anelo de corações dedicados. Quando os attributos magestáticos da realza só podem manifestar-se por entre as brumas que envolvem a terra da proscricção, um anniversario semelhante parece que cicatriza as ulceras rasgadas durante longos annos de soffrimento. Parece que se agitam as purpuras roçagantes do solio vasio do seu rei, e vão occupar o seu posto de honra. Parece que surge a côrte esplendente de virtudes e honrarias, trajando de gala maior, no seu rejubilar sobre as alturas do paço. Parece que as sallas da real manção regorgitam de povo fiel, que acode em multidões compactas a beijar a mão de seu rei e pae, cazando-se ao mesmo tempo os vivas delirantes com a toada melodiosa dos hymnos entusiastas. Parece que se escuta o estrondoso rimbomb das fortalezas e da armada, onde fluctuam as flammulas e bandeiras a cortejarem o estandarte nacional, alegre e soberbo, desfraldado em todas as eminencias. Parece, finalmente, que se remoça a vida; e a felicidade inunda e trahorda de todos os peitos; e dos velhos correm, em fio, lagrimas de gozo, e dos moços irrompem ondas de perenne riso, sinceras e inebriantes.

E todavia isto que hoje se cuida ser uma deliciosa ficção, uma dulcissima utopia creada por ardente e imaginoso espirito, pôde amanhã ser uma realidade suspirada por quantos abrigam no peito o fogo sagrado do verdadeiro amor á patria.

A legitimidade politica fundamenta-se na legitimidade religiosa e se ninguem que tenha fé, que tenha razão, que tenha crença, pôde duvidar do triumpho proximo do catholicismo oppresso e afflicto, quem é que ousa negar a propinqua victoria da politica restauradora das nações decadentes?

Minou-se, primeiro, o solio regio, onde se haviam sentado piedosos monarchas, fortissimos e invenciveis protectores da grey, catholica; e, comprehendido assim que o throno era um sustentaculo poderisissimo do altar, comprehendeu-se igualmente que, derruido aquelle, baquearia este, sem tença; não que o throno esteja identificado com o altar, que são cousas mui distinctas e separadas, mas porque o throno legitimo não quer, nem deve viver senão á sombra vivificante do altar, visto como ambos se encaminham a um fim commum, embora por diversas avenidas: — a felicidade e a salvação dos povos.

E, pois, boiando as taboas do solio na tempestuosa corrente da revolução, arredado assim o esteio firmissimo da Egreja, o impetuoso turbilhão embate, depois, sobre ella, como seu fim ultimo, e desfaz-lhe as alianças, e rouba-lhe o patrimonio, e cercá-lhe, por fim, a liberdade.

Mas, n'esta guerra insana e pertinaz, pervalecerão os furiosos inimigos da Egreja? A quem affronta, em summa instancia, a revolução cosmopolita? A Deus. A quem opprime? A Egreja. A quem injuria? Ao Papa.

E quem ha ahí que creia na supremacia eterna da revolução sobre o Papa, sobre a Egreja e sobre Deus?

Se a Biblia, esse eterno livro por excellencia, nos não offerecesse uma resposta cabal e infallivel, haveriam de bastar-nos a inspiração da razão e a inspiração da consciencia.

E se no primordial plano da destruição revolucionaria andavam companheiras a legitimidade religiosa e a legitimidade politica, pela indole particularissima da natureza d'ambas, porque é que no dia em que se entoara os *hossannas* gloriosos de uma, ficaram silenciosos e mudos os instrumentos festivos da outra?

Se a nossa patria tem, por tanto, como outras suas irmãs, gemido, enfeudada a sua sorte á cubita, á ambição, á rapina, e á insaciabilidade das turbas dominadoras da revolução, não será por certo appellidado de loucura o acreditar-se no breve termo dos seus prantos e das suas tribulações. Não será fantasiosa demencia, na presente attitudede das nações que se preparam para saudir, rapidas e implacaveis, o jugo que as tem avexado e consumido, ver raiar a aurora precursora da victoria universal da legitimidade.

E eis ahí porque se nos afigura, no dia de hoje, estar presenciando o jubilo completo de Portugal, visto que é o anniversario do symbolo querido da sua felicidade. Mas se a fantasia nos illude, por hoje, nas exterioridades retumbantes, que muitas vezes tambem significam sómente a adulação e a hypocrisia, a realidade dos sentimentos cá existe, sem duvida.

Hoje, não ha um verdadeiro portuguez que se esqueça de volver os olhos do espirito ás terras do exilio, a saudar o excelso Representante das mais intimas esperanças da patria.

Hoje, especialmente, aqui no campo da legitimidade, o jubilo é pleno, e geraes e fervorosos os votos pela prosperidade do Rei, pela conservação de seus preciosos dias, pela suavidade de suas amarguras, e pela permanente saude da augusta familia proscrita.

E se os nossos votos forem ouvidos nas alturas incomensuraveis, onde habita o Eterno, não serão, de certo, menos escutados os que igualmente offerecemos, para que seja restituído ao throno de tantos reis modelos *Aquelle* de quem temos orgulhosos motivos de acreditar que será modelo de reis!

O Nascimento do Senhor D. Miguel II.

Neste dia tão cheio de jubilo para o partido legitimista, será summamente grata a este a lembrança do seu Principe; e as circumstancias solemnissimas do seu Nascimento outros tantos estímulos para de cada vez mais amarem a realza proscrita. Não nos podemos, pois, furtar ao desejo de contar aos nossos leitores o que, então, veio n'uma correspondencia de Langenselbold, com data de 9 de Outubro de 1853, para a «Nação», orgão legitimista portuguez.

Langenselbold 9 de Outubro de 1853.

Com a maior satisfação informo a vv. do que se passou no palacio de Heubach por occasião do nascimento e baptismo do Principe, primeiro filho varão e segundo fructo do consorcio do Senhor D. Miguel de Bragança e da Senhora D. Adelaide Sophia de Loewstein.

Sabendo o respeitavel ancião o venerando bispo da Guarda que o Senhor D. Miguel se lisongeara muito de que o filho que Deus houvesse de lhe conceder não só visse a luz do mundo rodeado de portuguezes, mas que ainda todos os actos do nascimento e baptismo fossem creados de demonstrações de nacionalidade, resolveu sair de seu domicilio da Italia, onde ha 20 annos se acha exilado da sua patria, mas respeitado, para emprender uma jornada de tantas leguas, e atravessando os Alpes na idade de 84 annos já feitos a 13 de Agosto, veio apresentar-se no Palacio de Heubach no dia 6 de Setembro para authorisar com a sua sagrada pessoa o acto do nascimento e administrar por suas mãos o Sancto Sacramento do Baptismo.

Direi de passagem que o virtuoso prelado a quem foi difficil fazer aceitar algumas commodidades domesticas, apesar d'a sua propecta idade, está rijo e agil, e é d'um tracto familiar extremamente agradável.

Fazendo s. ex.<sup>ma</sup> constar por uma attenciosa carta, ao ex.<sup>mo</sup> bispo de Wurtzburgo da sua vida e fim d'ella ao seu bispado, rogando-lhe conjunctamente a licença do costume, este em uma polidissima carta não se limitando á pedida auctorisação, lhe concedeu a de exercer todas as funcções episcopaes, e a de confirmar publica e privadamente em toda a extensão da sua diocese; e como não podesse vir visitá-lo por andar na visita do seu bispado ordenou ao deão de Mittenberg, que em seu nome lhe fosse fazer os seus cumprimentos, e pôr á disposição de s. ex.<sup>ma</sup> não só aquelle cabido, mas todo o clero da diocese de que s. ex.<sup>ma</sup> carecesse; o que o deão fez solemnemente por um elegante discurso em latim a que s. ex.<sup>ma</sup> graciosamente respondeu na mesma lingua, aproveitando a licença para fazer algumas confirmações publicas de proctantes que quizeram entrar no gremio da Fé Catholica. No mesmo dia chegou tambem de Itafia Augusto António da Matta e Silva.

Alguns dias depois chegaram outros portuguezes viudos de Portugal, e Salvador Corrêa que veio de Berlim. Achavam-se, pois, no palacio de Heubach para assistir ao acto do nascimento e baptismo!

O Principe Carlos de Loewenstein-Wertheim, senhor do palacio.

A Princesa Eulalia de Loewenstein-Wertheim, thia e tutora do Principe.

A Princesa Maria de Izemburg Birsten. O Principe Carlos de Izemburg Birsten.

A Princesa Sophia Carlota de Izemburg Birsten.

A princesa Adelaide de Izemburg Birsten.

Mademoiselle de Wersi. Barão de Korff.

Barão de Kettler. E os portuguezes: Bispo da Guarda D. Joaquim.

D. Francisco Joanna do Vadre Almeida Castello Branco.

O Comendador de Malta, Antonio Taveira Pimentel de Carvalho.

Ventura Malheiro Raymão Telles de Menezes.

D. Sancho Manoel de Vilhena Saldanha. Augusto Antonio da Matta e Silva.

Salvador Corrêa de Sá. Conde de Bobadella.

Visconde de Queluz. Dr. Fr. José da Sacra Familia.

Pelas 11 horas da manhã do dia 19 de Setembro foi-nos annunciada que a Senhora D. Adelaide Sophia começava a entrar no trabalho do seu parto, estando em sua companhia as suas serenissimas thias, e madame Heidenreich (parteira) em consequencia do que todos os portuguezes aqui presentes nos reunimos na ante-camara. Terminou felicissimamente o parto pela uma hora menos um quarto da tarde, em que fomos admitidos a saudar um robusto Principe, que ainda se não achava desunido de Sua Augusta Mãe, em cujo agradável semblante raiava uma não duvidosa satisfação.

Não faço mais minuciosa relação das solemnidades que acompanharam e precederam este acto, porque de todas ellas se lavrou um auto que naturalmente publicarão. O Senhor D. Miguel e todos os que estavam no palacio foram rezar um *Te-Deum* em acção de graças na capella, e no outro dia houve Missa cantada, e *Te Deum* solenne, e muzica. O pequeno parque de artilheria do palacio salvou em ambas as occasiões; e ao jantar o Principe de Loewenstein mandando servir vinho portuguez entou um brinde á prosperidade do recém-nascido, de seus augustos paes, e da nação portugueza, que com outro foi correspondido pelo Senhor D. Miguel no seu nome, e dos portuguezes.

O dia 4 de Outubro por devoção particular com S. Francisco foi destinado para o baptismo do Real Principe. Reuniram-se, pois, todos os portuguezes e estrangeiros que se achavam no palacio, e sahio o cortejo para a capella d'elle na forma seguinte:

O commendador Augusto Antonio da Matta e Silva abria o cortejo.

Seguiram-se todos os estrangeiros presentes, entre estes

Le baron de Kettler. Le baron de Korff.

Le baron Charles de Pechenbuch. Le baron Hugo de Fechenbach.

La baronne de Fechenbach Sommeran. Le baron de Woldeck Arneburg.

Monsieur de Hormain. Monsieur de Scheurich.

Monsieur de Jayemann, conseiler intime.

Le ministre conseilere des forets, Mr. Hofmann.

Le conseiler des nomaines Einsoachter. Le conseiler de archives, A. Kaufmann.

Le conseilers Mr. de Chimietzk, de Ploines.

Em seguida Antonio de Castro Lemos de Menezes levando em uma salva a véla para a cerimonia, depois Ventura Malheiros Rainão Telles de Menezes com a *Vestem Candidam* em uma salva, o visconde de Queluz levando em uma salva o sal para a cerimonia, a este seguia-se o conde de Bobadella levando em um coxim de setim branco o Principe recém-nascido acompanhado dos dois lados pelo commendador de Malta Antonio Taveira Pimentel de Carvalho e por D. Sancho Manoel de Vilhena Saldanha, os quaes pegavam nas pontas de uma rica cobertura de damasco bordada a ouro que reparava do ar o Augusto Principe.

Seguia-se o Senhor D. Miguel acompanhado dos principes e princezas já mencionadas, e do conde de Erbach Fürstern, condessa do Erbach-Erbach, do conde de Frederic d'Erbach-Erbach parentes da casa de Loewstein) de Salvador Corrêa de Sá, seu antigo ajudante de campo.

Partido por esta forma o prestito das salas do palacio, sahio pela porta principal, e, atravessando o grande pateo de entrada, cujo transitio se achava adornado com tapetes, por entre duas alas de creados dos diversos principes todos ricamente vestidos, e outra de meninas da terra, vestidas de Branco e ornadas de flores, entrou na porta da capella, que está collocada em uma das alas do palacio.

Na capella, a cujas portas se apinhava o povo, esperava o cortejo o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Bispo da Guarda acompanhado do cabido de Mittenberg, do decano de Burgstadt, e do reverendo doutor Frei José da Sacra Familia, o qual havia já benzido o sal e a agua para o baptismo, a qual, para que o esperado Principe fosse baptizado com agua de Portugal, foi remetida da fonte de S. Torquato de Guimarães, delicada lembrança, que o Senhor D. Miguel com muito gozo quiz que se aproveitasse. A senhora D. Adelaide Sophia que pela primeira vez sahio da sua camara, assistiu na tribuna ao Sacramento, acompanhada de sua filha a Princesa D. Maria das Neves, ao collo de sua aia.

Conservando-se na capella a mesma ordem, e tomando o Senhor D. Miguel e Principes allemães os logares, que lhes eram

destinados, começou o acto cantando o Ex.<sup>mo</sup> Bispo o hymno *Veni Sancti Spiritus*, depois do que, dirigindo-se á porta da Egreja, juncto á qual da parte de dentro se achava o Augusto Baptizando, convidou a Princesa Eulalia Egídia, de Loewstein, e o Principe Carlos de Loewenstein para se aproximarem do Baptizando, e responderem ás perguntas do ritual, a primeira na qualidade de madrinha, e o segundo n. de procurador do padrinho, o senhor D. Carlos Izidor de Bourbon, augusto thio e cunhado do Senhor D. Miguel.

Subindo d'alli para o meio da capella, onde defronte do altar estava a pia baptismal, procedeu-se ao baptismo, o qual se celebrou, ministrando o clero a grande bacia de prata, e o doutor Sacra Familia a agua, que foi lançada na Cabeça do Augusto Principe pelo Ex.<sup>mo</sup> Bispo com as palavras sacramentaes, que manda a Santa Egreja Catholica Apostolica Romana, recebendo o Principe o nome de Miguel Maria Egídio Carlos Constantino Gabriel Raphael Gonzaga Francisco de Paula e Assis Januario.

Em seguida ao Sacramento fez o Ex.<sup>mo</sup> Bispo uma curta pratica sobre a excellencia d'aquelle Sacramento, e obrigações dos padrinhos, e logo tirando a mitra, e subindo ao altar entou o *Te Deum laudamus*, que foi executado por um magnifico côro, acompanhado de musica instrumental, assim como a ladainha de Nossa Senhora, e *Tantum ergo*, concluindo com a benção do Sacramento, depois do que, e de se desparamentar o Ex.<sup>mo</sup> Bispo, voltou o cortejo pela mesma forma que fóra, recebendo o Senhor D. Miguel na sala as devidas saudações, que depois a Senhora D. Adelaide igualmente recebeu na sua camara.

O baptizado celebrou-se pela uma hora da tarde, annunciando-se o acto do Sacramento por uma salva d'artilheria. Seguiu-se um magnifico e esplendido jantar na grande sala do palacio, a cujas portas abertas todo o publico era admittido a presenciar: durante elle, o Principe Carlos fez um brinde ao Principe novamente baptizado, salvando immediatamente a artilheria, e rompendo o hymno portuguez tocado pela banda de musica marcial do batalhão de caçadores reaes de Baviera, outro aos Seus Augustos Pais e familia de Bragança, e aos excelesos padrinhos; e o conde de Erbach tambem fez um ás mesmas pessoas, e a todos os que se interessavam pela prosperidade do recém-baptizado Principe. Todas estas saudes foram correspondidas com adequadas respostas pelo Senhor D. Miguel. A Princesa Eulalia não quiz tambem deixar de fazer um quarto brinde aos portuguezes com que summamente augmentou a gratidão dos que alli se achavam reunidos.

A' noite, achando-se as salas primorosamente illuminadas, e tendo concorrido um grande numero de convidados, houve um excellente baile com todo o genero de refrescos, tocando a musica marcial na esquadra, em quanto uma boa orchestra animava as salas; e á uma hora abriram-se as portas d'outra sala onde se serviu uma delicadissima ceia. O baile durou até depois de quatro horas.

Na seguinte noite houve um segundo baile na grande sala do palacio aos principes empregados da casa e pessoas respeitaveis da villa com refrescos e ceia. Os principes e hospedes, sem tomar parte, foram assistir; e na terceira noite destinou-se para as classes inferiores.

Finalmente, no dia 6 tendo-se os portuguezes, que alli se achavam, despedido da senhora D. Adelaide Sophia, e dos Principes e Princesas da casa de Loewenstein, sahiram de Heubach uns pelo rio Meno, outros em diligencia, para se reunirem em diligencia, para se reunirem em Langenselbold, onde o Senhor D. Miguel quiz dar um jantar de despedida, e mostrar a sua habitação ao Ex.<sup>mo</sup> Bispo da Guarda e mais portuguezes. Ahí, depois de um jantar todo á portugueza, fizeram estas as suas despedidas para tomarem uns o caminho de Portugal, outros o da Italia, e outros o do Norte. Naquelle momento, mais do que em todos os outros, a saudade da patria não era duvidosa no magestoso semblante d'aquelle Augusto Principe portuguez.

Se a magnificencia, com que os portuguezes foram tractados no palacio de Heubach nos 21 dias, que alli estiveram, ainda se pôde explicar pela grandeza, da casa de Loewenstein, a delicadeza, com que foram acolhidos por aquelles Principes, é que de certo não ha palavras para a encarecer; e por isso tambem os que alli foram hospedados, não tem meios bastantes de expor a sua gratidão.

Com quanto, porém, a familia de Loewenstein não poupasse despezas, nem coisa alguma para tornar pomposos e brilhantes os actos do nascimento e baptismo do Principe portuguez, forçoso é dizer que nada comoveu mais do que ver substituir as solemnidades da patria em terra e casa estranhas.

Auto do nascimento

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e cincoenta e tres, aos dezoito dias do mez de Setembro, neste palacio de Heubach, situado

na Baviera, residencia do Serenissimo Principe Carlos de Loewesteu Wertheim-Rochefort-Rosenberg, e no qual estava hospedado o Sr. D. Miguel Maria Evaristo de Bragança, e sua Augusta Esposa a Senhora D. Adelaide Sophia de Loewenstein-Wertheim-Rochefort-Rosenberg, e onde nos achamos os portuguezes, e mais testemunhas abaixo assignadas, todos nós pelo presente auto, e na melhor forma de direito, declaramos, certificamos, e attestamos, que, tendo sido convidados pelas onze horas e um quarto da manhã do mencionado dia dezoze de Setembro para nos reunirmos na ante-câmara da Augusta Pessoa da Senhora D. Adelaide Sophia de Loewenstein-Wertheim-Rochefort-Rosenberg, em consequencia de haver começado o trabalho do seu parto passamos d'ahi a verificar dentro da propria camera, que o referido parto havia effectivamente começado, e que nenhum outro ingresso para ella havia além d'aquelles, em que estavamos collocados, estando a Augusta Parturiense acompanhada por Suas Altezas Serenissimas a Princesa Eulalia de Loewesteu-Wertheim-Rochefort-Rosenberg, e a Princesa Maria de Isembourg-Birstein; e pela Ex.<sup>ma</sup> D. Francisca do Vadre, e por Madame Heidenreich, (parteira), sendo egualmente presente o Senhor D. Miguel Maria Evaristo de Bragança, e que na dita antecâmara com as portas abertas ouvimos o que naquelle acto se passava tornando a entrar na camera, quando a Creança, que ouvimos chorar ainda se achava unida a Sua Augusta Mãe apresentando-se-nos depois nos braços de Madame Heidenreich um robusto Principe que reconhecemos e temos por filho legitimo e incontestavel do Senhor D. Miguel Maria Evaristo de Bragança, e de Sua Augusta Esposa a Senhora D. Adelaide Sophia de Loewenstein-Wertheim-Rochefort-Rosenberg.

Em fé do que assignamos este auto em duplicado, na presença uns dos outros, e na da autoridade respectiva da localidade. Palacio d'Heubach aos dezoze dias do mez de Setembro de mil oitocentos e cinquenta e tres.

- Maria Princesa de Isembourg Birstein, Eulalia Princesa de Loewenstein, D. Francisca Joanna de Vadre, Dr. C. Heidenreich = r. = Siebold, Joaquim Bispo da Guarda, O Commendador Antonio Taveira Pimentel de Carvalho, O Commendador Augusto Antonio da Matta e Silva, D. Sancho Manoel de Vilhena e Saldanha, Ventura Malheiro Raymão Marinho Telles de Menezes, Revd.<sup>o</sup> Dr. José da Silva Tavares, Visconde de Queluz, Antonio de Castro Lemos e Menezes, Salvador Corrêa de Sá.

(Segue-se a legalisação das authorities respectivas da localidade escripta em allemão, e devidamente selada.)

Certidão do baptismo

Domnus Joachin Josephus Pacieus et Sousa, Dei et Apostolicæ Sedes gratia, Episcopus Egitanensis in Regno Portugaliæ, in Sacro Canonum Facultate doctor Conimbricensis, etc., etc.

Natum hæc factus atque testatur, Nos, die quarta mensis Octobris anni millesimi octingentesimi quinquagesimi tertii, hora duodecima meridiana in Castello Klein Heubach, Diocæses Herbipolensis in Regno Iavariæ, amplissimæ ejusdem Diocæses Episcopi facultate munitis, Celsitudinem Snam Regiam ac Lusitanæ Principem Domnum Michaelem Marium Carolum Egidum Constantinum Gabriellem Raphaellem Gonzagam Franciscum de Paula et Assisio Januariam, filium legitimum Serenissimi Domini Domini Michaelis Mariae Evaristi de Brantia, ejusque Conjugis Dominae Domnae Adelaidis Sophiæ Ameliæ Luisæ Joannæ Leopoldinæ, natæ Principissæ de Loewenstein-Wertheim-Rochefort-Rosenberg, die decima nona mensis Septembris ejusdem anno millesimi octingentesimi quinquagesimi tertii, hora prima pomeridiana, natum; Levantibus Serenissimo Domino Carolo Maria Isidoro de Bourbon e Serenissima Eulalia Egidia Principissæ de Loewenstein-Wertheim-Rochefort-Rosenberg, vicissim Serenissimi Domini Domini Caroli Mariae Isidori de Bourbon gerente Serenissimo Domino Carolo Henrique Principe de Loewenstein-Wertheim-Rochefort-Rosenberg, adstante Lusitanorum Germanorumque nobilitum viro rum amplissimo celebratissimoque coelestis ritualis Sanctæ Romanæ Catholicæ Ecclesiæ, SOLEMNITER BAPTIZASSE.

In quorum fidem præsentem hæc Lit-

teratestimoniales, manu nostra propria subscriptas, expelliri mandavimus.

Dabimus in Castello Klein Heubach in Bavariæ Regno die quinta Octobris anno Domini millesimo octingentesimo quinquagesimo tertio. Joachin Episcopus Egitanensis. Duplicatæ sine sigillo valituræ ex causa. Valeat sine sigillo ex causa.

Joachin Episcopus Egitanensis. Mandato Sæ Excellentissimæ Reverendissimæ. Josephus de Silva Tavares, D.<sup>o</sup> Theolog. Coniuric.

FELICITAÇÃO

QUE OS PORTUGUEZES DIRIGIRAM

AO SR. D. MIGUEL SENHOR.

Um novo favor da providencia acaba de assegurar, com o segundo fructo de um casamento abençoado, a feliz continuacão de Vossa Augusta Descendencia, como prova dos altos destinos vinculados n'este Ramo de Bragança.

Felicitando-vos, pois, Senhor, e á Vossa Augusta Esposa pelo fausto nascimento do Principe D. Miguel Vosso Filho, cumprimos gostosos os suaves deveres e puros sentimentos de nossos corações, acompanhados pelos de tantos outros Portuguezes, em cujo nome podemos manifestar a mais sincera satisfação, assim como renovar os protestos da maior dedicacão e fidelidade.

Palacio de Heubach, aos 4 dias do mez de Outubro de 1853.

RESPOSTA DO SR. D. MIGUEL

MEUS BONS E LEAES PORTUGUEZES

Vejo nas vossas expressões, assim como no facto da vossa presença n'este lugar, e por este motivo, mais uma prova d'aquella extrema dedicacão dos Portuguezes, que fazendo a minha maior gloria, tem sido meu generoso auxilio na adversidade, e meu constante incentivo dos deveres impostos pelo grande principio que represento.

Aprouve á Divina Providencia conceder-me um novo Filho, o que significa, por mais de uma razão, que a todos se nos acrescentou a familia visto que não tenho nem quero ter outra senão a Portugueza. Em conformidade com este pensamento, que me obriga a zelar a nacionalidade da minha descendencia, protestei á face da Europa em 18 de Junho do anno passado contra a violencia que me impedia de ver nascer meus Filhos sob o Céu da nossa querida Patria, e renovei esse protesto em 9 de Agosto do mesmo anno, tomando por testemunhas d'elle aos portuguezes, que aqui se reuniram na occasião do nascimento e baptismo de minha muito amada Filha, a Princesa D. Maria das Neves Izabel, e renovo-o agora, com a mesma força e intenção, tomando-vos a vós por testemunhas, a respeito de meu muito amado e prezado Filho o Principe D. Miguel, e de todos os Filhos, que Deus possa ainda querer, que eu veja nascidos na terra do exilio.

Agradeço-vos do intimo do coração, e tambem por parte da minha muito prezada Esposa, a demonstracão que acabas de dar-me do vosso affecto por mim, e por minha Augusta Familia, encarregando-vos de manifestardes igualmente o meu reconhecimento aos Compatriotas, cujos sentimentos interpretastes, na certeza de que a elles, e a todos os Portuguezes voto sempre ardentes dezoze de prosperidade, e que d'ella faria o meu mais glorioso titulo se pudesse contribuir para a realizar, e engrandecer.

DOM MIGUEL DE BRAGANÇA.

ANNIVERSARIO NATALICIO DO SENHOR D. MIGUEL. Em quanto do dextero os frios gelos Tu não vens enxugar ao sol da patria, E repousar da dôr; Em quanto lá, sentado, os olhos longos Pelo vasto horizonte, ancãs férvido Terra do teu amor;

Dá que os sons d'esta lyra hoje te offertem Róxas flores saudosas, que engrinaldem Teu firme pedestal; Sé a lyra é minha, os sons vão d'esta terra Como cantar d'amor, cantar d'esperança D'este teu Portugal!

Dá tambem que hoje o pranto se enxugue, Hoje dia de festa, por ti! Hoje o velho soldado destrugue Essa fronte, que nunca sorri.

Nunca, não; hoje, sim, que de gala Traja o pobre no seu coração; Que em segredo, na choça e na salla, Hoje traja de festa a nação.

E' um só este dia, entre tantos, E tão longos de lucto e de mal! Oh! suspende nos olhos os prantos, Hoje só, hoje só, Portugal!

Hoje um povo proscrito, ao proscrito Seu natal possa n'alma cantar, E o Viva do povo, n'um grito, Lá te chegue co'as ondas do mar!

(Cant. VIII e IX do PROSCRITO.)

REVISTA ESTRANGEIRA

São de cada vez melhores as noticias de Hispanha a respeito da causa legitimista.

D'um lado estão o desespero do povo hispanhol por ser dominado por um estrangeiro, o thesouro publico esgotado os seus recursos, a proxima abdicacão de Amadeu, aconselhada até pelos que o chamaram; do outro os feitos gloriosos do segundo heroe de Morella, do novo Cabrera, Saballs, o qual, secundado pelos trabalhos da junta, que funciona ao lado do Rei, tem elevado a tão alto o seu esforço militar, o seu prestigio helico, que o governo de Madrid treme ao ouvir o nome de tão valente general e manda para a Catalunia, todos os recursos do que pôde dispor.

Dous jornaes, de diversas procedencias, mas ambos contrarios e até oppostos ao chefe monarchico dos carlistas, confirmam o que dizem a respeito da primeira e segunda parte das noticias que fundamentam as nossas esperanças. Offerecemos para a primeira parte o «Diario Espanhol» o qual, depois de pintar a situação de Hispanha, com as cores que offerecem os desacertos, e desperdícios dos governantes, e divisões dos partidos, dirige-se á esposa de Amadeu, D. Victoria, pedindo-lhe que aconselhe a seu esposo que abdique.

Eis aqui o que elle diz a tal respeito: «Baqueará o throno creia-o V. M. e ao desabar esmagará na queda todos os interesses permanentes da nação hispanhola.

Não sente V. M., na solidão da noite, a triste recordação dos exemplos, que a historia do mundo nos offerece, alguns de tão recente data que estão na memoria de todos?

O exemplo da desditosa Imperatriz Carlota, que algumas vezes teem lembrado a V. M. os proprietarios radicados, não será uma lição severa bastante, para não de-sejar incorrer em ignaes e semelhantes erros?»

Offereceremos para confirmar a segunda parte do que dissemos algumas palavras da «Beria»; porém devem ser lidas com toda a reserva, pois basta notar-se que são cousas que pertencem ás deliberações da junta carlista, e estas não se sabem com a facilidade como os jornaes as dão:

«Considera-se imminente um novo levantamento carlista. A junta de Bayona julga ter tudo preparado para isso, e indica-se, além das Provincias Vascongadas, as de Aragão, Valencia, Albacete e Ciudad-Real como o campo da sublevação. No Maestrazgo, especialmente, teem-se feito grandes preparativos.

«Escusamos dizer que pela Catalunia e Aragão continuam entrando armas, com sciencia e paciencia das autoridades hispanholas.

«Monseignor David, que se tinha dito ter vindo a Pau procurar habitacão para o Pontifice, não veio alli senão para entregar a D. Carlos uma somma da parte da confederacão catholica estabelecida em Roma.»

«As facções de Saballs e Huguet, reunidas em numero superior a 1:000 homens, estavam hontem em Anglés, onde detiveram o correio, apoderando-se da correspondencia official.»

De Igualada escrevem á «Redencção» de Reus:

«Os carlistas continuam passeando por estes arredores, e cobrando as contribuições.»

Diz a «Independencia» de Barcelona: «Ha muito tempo que não vemos por aqui columna alguma; e os carlistas andam pelo districto como nós por nossa casa. A semana passada estiveram quatro dias em Piera, dous em S. Lourenço de Hortons, em Mosquera, em Valbona, sem que fossem molestados, e impondo contribuições á direita e á esquerda.»

Thiers declarou, em resposta ao republicano general Chanzy, que todos os seus esforços tendem a consolidar a republica. O partido legitimista indignou-se com tal declaracão, e apresta-se para restaurar a monarchia legitimista.

O governo francez, apesar das explicações pacificas que deu a respeito das precauções helicas na embocadura do tunel do Frejus, no monte Cenis, o governo

italiano está fazendo o mesmo na embocadura italiana do mesmo tunel.

A celebre entrevista dos tres imperadores acabou, depois de estrondosas festas, opiparos banquetes etc. Vão caminho de seus reinos, o imperador da Austria e da Russia, e os pequenos soberanos da Alemanha. Os jornalistas cançam-se e esgotam a imaginacão para adivinhar qual o fim e o resultado de semelhante congresso, o «Vaterland», por exemplo, órgão do partido catholico-federalista austriaco, já formulou por artigos o programma da famosa entrevista; porém em quanto os jornaes officiaes nada disserem do que se lá passou, nada se pôde saber com certeza, e tudo são conjecturas. Nesses artigos encontra-se que: uma clausula secreta fixaria a attitudé das tres potencias na questão romana.

Em Napoles venceram as eleições os catholicos. Os internacionalistas prepararam-se em Roma para novos accommetimentos, aproveitando-se da ausencia de muitos personagens governativos os quaes estão a banhos.

Os internacionalistas de Londres resolveram, definitivamente, transferir o seu grande concelho para New-York e darem a demissão de Karl-Mars. Se não fossem estas discordias aonde estaríamos nós?

E' tal o estado da Europa, como se vê, que não pôde haver a paz que todo o homem sensato deseja senão depois de haver uma grande guerra — si vis pacem para bellum.

Todos os governos bradam aos subditos que não ha nada, que tudo está sosegado, e no entanto, preparam-se desde as unhas dos pés até ás pontas do cabelo.

Deus queira que gozemos da paz sem passarmos pelas amarguras e soffrimentos da guerra.

Em redor d'esta infeliz nação estão igualmente devoradas pelo fogo secreto do communismo a Prussia, a Inglaterra e as outras nações pelo seu contacto com estas tambem soffrem o terrivel contagio que lhe gangrena o corpo social.

Se a Hispanha, que foi a primeira que alevantou o grito de salvacão, não sahe triumphante, então, ai de nós, que Deus nos prepara um castigo maior antes de gozarmos a paz prometida!

Mas assim não ha de ser visto, que a Igreja, na phrase do immortal Pio IX, está proxima do seu triumpho, e esta victoriosa traz consigo o triumpho e victoria da causa legitimista, a unica que, hoje, defende o Catholicismo em toda a plenitude dos seus direitos.

Mas não é isso, infelizmente, o que nos dizem os jornaes de todas as cores politicas. Parece que a sociedade, attendendo aos seus crimes, não será salva senão depois de baptizada com sangue e purificada pelo fogo. O exemplo já foi dado á grande nação — a França, cuja capital, Paris, era com razão chamada a Babylonia dos tempos modernos. Apagou-se, por momentos, all, n'aquelle infeliz povo, o archete revolucionario, molhado no famoso petroleo, mas as cousas estão ainda mornas, e a republica Thiers, ou melhor, o semi-socialismo do auctor da Historia do Imperio e do Consulado será o sópro que ha de fazer levantar as chamas sopitadas.

SECCÃO NOTICIOSA

Procissão de penitencia. — Algumas pessoas piedosas, da freguezia de S. Lazaro, d'esta cidade, de convinação com o seu rev.<sup>o</sup> párocho deliberaram fazer no dia 23 do corrente uma procissão, a qual fosse ao alto da Falperra levando as imagens de N. Senhora do Socorro, S. Sebastião e S. Roque. Haverá no dia 21 confessoes nos Congregados; e no dia 22 communhão geral, em S. Lazaro. Terá sermão e preces na Falperra, e sermão em S. Lazaro logo que a procissão se recolha. Esta virá da Falperra pela rua das Agoas, Porta do Souto, S. Marcos e Graujinhos.

Outro. — Nos dias 18, 19 e 20 do corrente ha preces na capella de S. Sebastião das Carvalheiras, com o fim de rogar ao Deus rico em misericordias, que affaste de nós e d'uma vez para sempre o terrivel flagello — a epidemia de hexigas que nos está desimando. No dia 21 sairá do mesmo lugar uma Procissão de Penitencia para concorrer á qual foram convidadas todas as irmandades e confrarias.

Desculpa. — Pedimol-a aos nossos assignantes pelo facto de o jornal não sair no seu proprio dia — Quarta feira. Um motivo houve e louvavel pelo qual assim procedemos; foi o termos de festejar o dia 19. Fizemos, pois, esperar o n.<sup>o</sup> para esse dia a fim de que tudo fosse mais solemne.

Matriculas no Lyceu. — Segundo o edital affixado pela auctoridade competente devem lançar-se nas caixas os requerimentos dos alumnos que alli dese-

jarem matricular-se, nas aulas indicadas no programma do Lyceu, até o dia 20 de Setembro. As matriculas terão logar desde o dia 15 d'este mez até o dia 30 impreterivelmente.

Rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Freitas. — Recebemos da Póvoa de Varzim uma carta d'um dos collaboradores d'esta folha, que alli se acha, da qual com satisfação transcrevemos os seguintes trechos:

Hontem, dia 13, tive a satisfação de ouvir uma mimosa e eloquente pratica feita á associacão das Filhas de Maria, reunidas na igreja Matriz da Póvoa, pelo sr. P.<sup>o</sup> Freitas, filho do sr. commendador Sena Freitas. A reiteradas instancias do P.<sup>o</sup> Ayrosa subiu á tribuna sagrada, pois que a sua saude ainda exige que se abstenha d'estas fadigas. — Soubemos tres dias antes, que elle ia prégar; e pela reputação, que aqui se espalhou, da sua illustração, correu grande n.<sup>o</sup> de pessoas da terra e de fóra, que aqui se acham, de todas as classes e opiniões a ir ouvi-lo; muitos janotas, muitos da moda ali os vi; a vasta igreja encheu-se litteralmente como um ovo — O orador não seguiu a fórmula declamatoria, dos nossos prégaros; mas o tom simples de uma conversação animada, que durou uns tres quartos d'hora; o que pela novidade, e pela maneira com que o fez, geralmente agradou. Acho mais naturalidade n'este methodo que nas declamções theatraes. Buscou fallar com simplicidade, mas engrinaldada de flores de oratoria não pretenciosa, mas com energia ao variabilissimo auditorio, que lhe prestava a maior attenção. Poz de parte as miseraveis considerações da vaidade. Discorreu sobre o thema — da dignidade da alma humana aos olhos de J.<sup>o</sup>

No exordio disse as seguintes palavras, pouco mais ou menos, ditas com enthusiasmo: «Christãos que me ouvís, eu sou portuguez e não estrangeiro! Estes habitos que me cobrem, não significam uma patria diversa da vossa; mas simplesmente uma vocacão religiosa; e a vocação não tem patria. Eu tenho o amor da minha terra tão vivo e palpante em meu coração como o amor de Deus, porque ambos me foram plantados pela mesma mão divina. O amor da Patria é tão sancto como o amor da familia, como o amor da equidade, como as mais puras virtudes civicas; e o voto da obrigacão, que faz o religioso, não mata esse affecto, nem é feito para esse fim.» Fmda a expressiva pratica, observei com satisfação, quasi com pasmo, o numero de pessoas, não só ecclesiasticos (que muitos estão de fórams tambem de seculares, que á sacristia o foram comprimitar, significando-lhe, que ficaram satisfeitos em ouvir-lo; e constata-me que posteriormente, á casa em que se acha aquartellado o sr. P.<sup>o</sup> Freitas, o tem procurado alguns cavalheiros de diversas procedencias politicas, mui agradados da contextura da sua pratica, e da doçura da sua pronuncia.

Como são glorias para a Religião e para nós, me alonguei n'esta noticia, para a dar aos leitores da nossa folha.

Preparação das pipas para o vinho. — Diz a «Gazzetta delle Campagne»:

Para preparar as pipas recommendam-se dois methodos praticados vantajosamente; o primeiro pelo distincto enologo o sr. Manfredo Bertone de Sambuy, e o segundo pelo sr. Albercci de Castana. O sr. Sambuy procede do modo seguinte.

1.<sup>o</sup> Unta exteriormente as suas pipas com oleo de noz, de rabano ou outro qualquer, cosido por algum tenpo com uma cebolla dentro, e julga necessario este verniz.

2.<sup>o</sup> Para conservar bem as pipas vasias, depois de as haver lavado e deixado enxugar, durante oito dias, enche-as de fumo de enxofre e logo as tapa hermeticamente.

3.<sup>o</sup> Adega sa e limpa, enxuta e escura.

4.<sup>o</sup> Tratando-se de pipas novas, para as preparar antes de lhe deitar o vinho, lava-a bem com agua a ferver fortemente salgada com sal de cosinha.

O sr. Albercci de Castana usa de potassa caustica N'uma pipa, por exemplo, de 100 litros deita um kilogramma de potassa e sobre esta cerca de 15 litros de agua a ferver. Tapa-a bem, roda-a e revolve-a em todos os sentidos. Quatro horas depois despeja-a. Sae a agua negra e carregada de substancia de tannino tiradas ás aduelas. Torna então a lavar com agua fresca, por fim com vinho e decoção de substancias aromaticas. D'este modo prepara ainda as pipas que tem cheiro de mófo, e aquellas para o vinho branco, as quaes tem servido para conservar o vinho tinto.

Curiosa estatistica. — Do nosso collega e correligionario o «Direito» extrai-mos a seguinte relação das ordens religiosas que haviam em Roma e que agora já não existem:

Na Italia as follas ministeriaes receberam e publicaram já no mez de julho a estatistica official das ordens religiosas na cidade de Roma e nas provincias usurpadas em Setembro de 1870, diz a «Nação». Isto é o mesmo que dizer: Frades, fazeis sen nada do que é vosso; sabemos tudo o que tendes.

Da estatística resulta que em Roma e nas quatro provincias annexadas existiam 485 casas religiosas, 316 para homens e 169 para mulheres, com 4:311 religiosos e 3:928 religiosas; cuja renda annual complexiva é passante de 8,565,342 liras italianas, que pela nossa moeda é quasi réis 1,400:000\$000.

Da mesma estatística conhece-se evidentemente que a maior parte d'estas casas e rendas ou são destinadas a utilidade internacional e catholica, como as casas dos gerões, ou são applicadas ás parochias annexas, ou redundam em publica utilidade e beneficencia por meio das escolas, hospitaes, cadeias, hospícios, etc. Quando o governo italiano acabar de metter no bojo roaz aquella somma pertencente aos religiosos, haremos de vêr se a philantropia liberalengua acode á utilidade e á beneficencia, como acudiram até ao ultimo momento as casas religiosas. Pois não!

A philantropia tão decantada quando está farta, pôde lá perceber que outrem tenha ou possa ter fome? Vemol-o por cá.

Quanto aos encargos e legados pois, a que estavam sujeitos essas casas com suas rendas, o estado as cumprirá do mesmo modo que já está cumprindo no resto da Italia. E' tal o latrocinio governamental, que o deputado Tocci, indignado, na sessão de 20 de maio d'este anno levantou-se para o denunciar bradando: «Tracta-se de justiça conculcada!» O seu discurso está registrado nos *Atti ufficiali*, e servirá como um documento irrefragavel a quem escrever a historia de *Robber-King* ou *Nova Arte de furtar*, com exemplos escandalosos do seculo XIX.

Assim não admira que venesses — A «União Catholica» diz que foram mais de 4:000 os eleitores catholicos de Nápoles que o governo não mandou inscrever nas listas eleitoraes, ou mandou que se riscassem quando inscriptos.

Muitos querem apellar, mas de certo não lhe darão razão; ao passo que attendam a 379 cabos de segurança publica.

E assim como os liberaes, proselytos da soberania popular, cumprem o que professam! A liberdade é só para elles!

Revoltante ingratião. — São immensos os benefícios que os jesuitas prestaram á Alemanha na guerra franco-prussiana.

Eis aqui o que diz a «União Catholica» e a «Nação»:

«Entre os jesuitas expulsos na Alemanha ha muitos condecorados pelos bons serviços prestados na campanha, sendo capellães do exercito. A cruz de condecoração que lhes brilha no peito atestará nas terras extranhas a ingratião do imperador Guilherme.

Dizem que houve quem observasse isto mesmo a Bismark. «Em politica, respondeu elle, não se ha de fallar nunca do sentimento; ainda quando os jesuitas houvessem tomado por nós Paris, Metz e Sedan, não me teria por obrigado ao reconhecimento».

Que nobres e sublimes principios! Ajuntemos ainda que além dos jesuitas capellães, serviram na campanha como enfermeiros ou addidos ás ambulancias e hospitaes militares duzentos filhos de Santo Ignacio, como indicou um correspondente da «União Catholica»; e com o trabalho muitos d'estes arruinaram a saude para sempre e alguns morreram. Que recompensa não lhes dá a Prussia!

Rapida communicação entre a India ingleza e a sua metropole. — Os jornaes inglezes fallaaam n'um projecto de construir um caminho de ferro que atravessasse o valle do Euphrates, a Mesopotamia e a Syria. Estam orçadas as despezas em dez milhões de libras esterlinas.

O governo do sultão offerece gratuitamente os terrenos necessarios para a exploração da nova via.

Apezar, de ser, de grande vantagem esta via de communicação, contudo, no dizer da «Revolução de Setembro» grandes obstáculos se opporão á realisação de tal plano. A circumstancia da via ferrea atravessar paizes, onde ha tribus errantes, e a Russia de pertender a India ingleza, será motivo não pequeno para impedir que se faça obra tão colossal.

Um presente. — A «União Catholica» de 24 d'agosto, diz que o Grão-Sultão mandara ao Santo Padre duas grandes arcas cheias de tecidos preciosos e outras dadivas magnificas.

Que lição para os catholicos! E, como diz a «Nação», commentando em poucas palavras esta noticia, os turcos dão e os catholicos arrecadam!

Um depoimento carissimo. — Sahu mais cara, ao paiz do que se pensa, a revolta em Lisboa.

O depoimento dos snrs. coronel Borges e barão de Pomarinho custou 150\$000 em consequencia do estado do mar e por terem de vir para terra n'um rebocador.

Com effeito, tanto dinheiro para galvanisar um cadaver moral — a segurança publica pelo sr. Fontes!

Carta-programma. — Eis aqui os pontos principaes da carta-programma que Garibaldi publicou, e na qual pedia «os li-

vres pensadores, aos impios e demagogos que pozessem em pratica: 1.º a abolição do 1.º artigo de Estatuto, que afirma o predomínio do catholicismo na Italia; 2.º que cesse a tyrannia do Padre oficialmente reconhecida; 3.º a supressão dos frades e freiras em Roma já e sem restricções; 4.º a instrução gratuita, obrigatoria e leiga; 5.º o suffragio universal, que coroará a obra da destruição relegiosa.

A respeito da instrução gratuita, obrigatoria e leiga ha a notar que o *Círculo Cavour* queixa-se de que sendo os alumnos que frequentam as escolas elementares 25:000, recebem 19:500 a instrução e educação de padres e pessoas e corporações religiosas, e só 5:000 se aproveitam das escolas municipaes.

O chefe do liberalismo mostrou bem aos liberaes de todo o mundo o que devem fazer e o que elles, infelizmente, estão fazendo.

Poderão acabar com os conventos, como tem feito, com as Igrejas e até com o Vaticano, mas Deus não dorme e levantar-se-ha para confundir os inimigos da Igreja ou transformando-lhes os planos, ou destruindo-lhes os effeitos.

O suffragio italiano. — E' bem sabido de todos os meios pelos quaes o liberalismo venceu as eleições em Italia. O medo, as ameaças, as falsificações, foram as medidas que o governo adoptou para que a vontade do povo se manifestasse livremente.

Accrescentaremos, ao que já dissemos em outra local, que o famoso astrónomo P. Secchi, e outros sabios distintos como este, e alguns riquissimos principes romanos, foram excluidos de votar!

Em muitas partes se ouviram os gritos de abaixo o Vaticano, abaixo os Jesuitas, abaixo os padres.

E, quando, diz o excellent journal o «Ecco de Roma» victoriarão o rei Amadeu, na praça Navona, e diante do palacio do ministro hespanhol, por aquelle ter escapado da morte, ouviram-se os gritos de — morte aos jesuitas, o petroleo ao Vaticano — abaixo a instrução religiosa, morte aos padres — abaixo as corporações religiosas, abaixo a instrução clerical — Viva a instrução leiga — abaixo todas as religiões, todas as lojas religiosas.

A Sociedade de beneficencia eclesiastico-michaelense. — O clero da ilha de S. Miguel associou-se para prover de remedio aos seus companheiros necessitados. Tem por patrono S. Vicente de Paula. O seu fim é socorrer temporalmente os vivos, e espiritualmente os que falleceram.

Aos que impossibilitados phisica ou moralmente não poderem dizer missa dam-lhes 240 diarios. Empréstimo o maximo 240:000 rs. com as devidas seguranças; assiste com 2 socios nas doenças graves; suffraga a alma dos mortos com um officio annual e 30 missas por cada socio morto, e acompanhados á sepultura, fazendo-lhe enterro decente. O socio dá 12\$000 de entrada e 240 de custa mensal. Foram approvados pelo governo os seus estatutos.

E' assim como deve fazer todo o mais clero.

Aqui, em Braga, estão lançados os fundamentos d'uma Sociedade Catholica que breve ha-de, á sombra da lei, ser um elemento poderoso de moralidade.

Assim o esperamos; e emquanto não virmos desmentidas as suas promessas não cessaremos de elogiar tão util como necessaria empresa, e até, se preciso fór, de secundar-mos os seus esforços.

D'alli pôde filiar-se uma sociedade em que o Clero, trate especialmente da sua posição material tão definida.

Folgamos de ver sempre o eclesiastico na altura do seu estado, moral e materialmente fallando. E, já que o governo e os povos não olham para a decente posição que lhes exigem, olhe o clero por si mesmo e faça todos os sacrificios para que um dia não esmore de porta em porta o pão da caridade, elle que devia distribui-lo aos outros.

Creanças abandonadas. — A «Pallava» no primeiro artigo de um dos seus numeros traz a conta de creanças abandonadas que se encontraram na casa da primeira divisão official, durante o anno economico de 71 a 72. Era nada menos de 21, sendo 20 vivas, e uma morta.

E' triste esta estatística, vergonhosa até para um povo ou nação que se diz civilizada, e em caminho de progresso indefinido; mas tambem é um documento immorredouro de quanto é bello e optimo o systema liberal que favorece e lisongea as paixões que não se podem domar sem os mais elevados socorros da Religião.

Bastava o instinto do mal, com o qual o homem e a sociedade tem de lutar sempre, quanto mais ainda desperto-o com o exemplo de acções indignas de governantes e governados.

Não é sem motivo que o Ex.º Sr. Patriarcha de Lisboa lamenta, na sua ultima Pastoral, este crime que só pôde encontrar equal no infanticidio, se elle já o não é, embora d'um modo lento e ás vezes sem effeito.

Estatística das perdas da Prussia na guerra franco-allema. — O doutor Engel, apresentou ao congresso es-

tatístico de S. Petersburgo, o resumo das perdas que soffreu todo o exercito allemão durante a guerra com a França de 1870 e 71.

17:572 que morreram durante as batalhas;

10:710 em consequencia de ferimentos que receberam;

316 de accidentes;

30 de suicidios;

2:000 de dysenteria;

6:965 de febre typhoide;

139 de febre gastrica;

261 de bexigas;

500 de doenças de peito (inflamação);

521 de molestias diversas;

529 de tyssica;

249 de molestias chronicas;

94 de ataques apoplecticos;

356 de molestias cerebraes;

419 sem designação da causa da morte.

Total, 40:881.

Além d'estas perdas, extraviaram-se 4:009 soldados.

E' concludente. — O journal «Le Temps» publicou uma carta do ex-frade carmelita, padre Jacintho, annunciando o seu proximo casamento e combatendo o celibato clerical. Não nos surpreheia a noticia; achamol-a já um pouco tardia, pois, é sempre ou quasi sempre a desmoralisação a causa principal da apostasia, assim o diz a Sagrada Escripura — *dixit insipiens in corde suo: non est Deus* — disse o malvado em seu coração: não ha Deus.

Continuam os nossos desastres com os Dembos. — Em quanto o governo trata de processos contra os revoltosos, apavoneando amor pelas instituições gymnasticas e segurança publica, recebem-se noticias tristes a respeito do infeliz exito das nossas armas contra os Dembos.

O «Mercantil» de 17 de julho, extractado pelo «Diario de Noticias» afirma que não são exactas as noticias do «Boletim do governo», por quanto as nossas forças em Sassa estiveram cercadas nos dias 17, 18, 19 e 20 do mez passado; e que no renhido combate do dia 24 houve 11 mortos e 17 feridos, e d'estes, cinco gravemente feridos.

Depois, d'algumas noticias mais, ainda assustadoras, é impossivel que o actual governo cuide seriamente da questão do ultramar.

Tracta só de se conservar, sejam quaes forem os meios, e nada quer saber do nosso mau estar, antes o agrava com o seu egoismo e ambição desmedida.

Pouco falta para ficarmos sem nada: sem honra, e sem dinheiro já nós estamos por meio dos governos liberaes, só resta agora ficarmos sem subditos, sem nacionalidade e sem independencia.

A lampada real. — Foi collocada, de novo, na igreja de Notre-Dame, em Paris, uma lampada de prata massica, conhecida pelo nome de *lampada real*. E' uma magnifica peça de ourivesaria, que fora dada por Luiz XVIII ao thesouro d'aquella cathedra, e que ultimamente havia sido mutilada pelos communistas.

Conversões ao Catholicismo. — No meio da geral miseria e corrupção, que lavra n'estes calamitosos tempos, permite Deus que presenciemos triumphos brilhantes da Igreja.

Os diarios inglezes deram conta, ha tempo, de se terem convertido do protestantismo ao Catholicismo cerca de 300 pessoas, pertencentes á aristocracia ingleza.

Quasi o mesmo succede na Alemanha. O almanak condal de 1870 conta 14 condades e 13 condessas da communhão evangelica que se fizeram catholicos. A excepção de 3 (dois húngaros e um russo) todos os demais são allemães.

O brigadeiro Polo. — E' notavel o seguinte trecho biographico do cunhado de Cabrera, e agora conselheiro auilico de D. Carlos, que se lê no «Diario del Pueblo».

O brigadeiro D. Juan de Dios Polo, cunhado de Cabrera, é agora o conselheiro auilico de D. Carlos. Este brigadeiro, na campanha dos sete annos foi um dos melhores officiaes. Aos 29 annos era já brigadeiro de D. Carlos, e quando concluiu a guerra civil tinha na sua folha de serviços 47 acções, a que tinha assistido pessoalmente, mandando em seis como chefe.

Foi dos ultimos que entraram em França em 1840, e fez depois a campanha do 1848.

Sacrilegos e cynicos. — O «Catholique de Rome», de 14 de agosto diz que alguns impios insultaram uma imagem de Nossa Senhora na rua Otto Cantoni. Todos os visinhos ficaram indignados com uma tal audacia. Estes miseraveis libertinos escaparam-se a tempo, se não pagariam caro o seu atrevimento.

As mesmas igrejas são profanadas com uma audacia incrível na capital do catholicismo! Ha dois domingos, por exemplo, que certo individuo se va sentar a ouvir missa na Igreja de S. João e Paulo com o cigarro na bocca. A ridicula desculpa que se quer dar, é o do habito e distracção.

Já é cynismo!

Matriculas no seminario. — Achase affixado o edital para as matriculas e abertura das aulas do Seminario de S. Pedro d'esta cidade. Os dias das matriculas são os tres primeiros dias d'Outubro. O 1.º

dia é designado para assignarem matricula os alumnos do 1.º anno do curso triennial e os de Portuguez e Francez, o dia 2 para os do 2.º anno do curso triennial e para os de Latim, Latinidade e Geometria, e dia 3 para os do 3.º anno do curso triennial e para os de Rhetorica, Philosophia e Geographia.

Os alumnos deverão requerer ao reitor do Seminario a admissão á matricula, desde o dia 15 de setembro até 30 do mesmo. No dia 7 d'Outubro terá logar a abertura das aulas.

Preleção. — O nosso collega do Porto o «Direito» transcreve do «Univers» o seguinte: Uma religiosa do convento de Claras d'Assis, fallecida ha pouco, appareceu á abbadessa, e disse-lhe:

« Pio IX fez voto á Virgem de apresentar-se no seu oratorio do Loreto se por sua intercessão Deus se dignar conceder o triumpho da Igreja. No proximo anno S. Santidade irá ao Loreto. Trata da restauração da igreja, pois elle passará por aqui e a visitará.»

A abbadessa contou isto ao geral da ordem, o qual o poz no conhecimento do Santo Padre. O Vigario de Jesus Christo respondeu: «Fiz esse voto, e espero que Deus se servirá dispor que no anno proximo eu vá dar graças á Virgem do Loreto.»

Testemunhos insuspeitos a favor dos frades. — Por occasião do cumprimento do decreto do sr. Pascal a respeito da reintegração dos professores religiosos nas escolas communaes de Lyon, demittidos por uma municipalidade demagogica, alguns jornaes ultra-liberaes fallavam de desordens motivadas por occasião do regresso dos frades; porém é falso e o novo prefeito da cidade de Lyon, o sr. Cantonnet, procedeu com a maior prudencia e firmeza.

Não cessam de admirar o procedimento do sr. Cantonnet os que lhe conhecem os sentimentos republicanos.

O sr. Littré, socialista, declarou-se em favor dos frades e das freiras nas escolas commerciaes de Saint Diniz.

Que dirão a isto o «Conimbricense», «Journal da Noite», «Journal de Noticias» «Diario da Tarde», e «Bracarense»?

Provavelmente que são mais liberaes e republicanos que o governo do sr. Thiers e os individuos acima indicados!

Procedimento infame! — Os liberaes de Grenoble espantaram e feriram as mulheres e meninos, assim como os pequenos grupos de homens destacados, que iam á romaria de N. Senhora de la Salette; e para desculparem o seu infame feito, inventaram (o «Siclé» foi um dos inventores) que levaram bandeiras brancas, e deram vivas a Henrique V; mas os habitantes honrados protestaram contra a infamia, e a calumnia liberaes, n'uma sentida exposição aosromeiros; e dizia-se que o governo, devidamente informado do crime e da calumnia, ia mandar proceder contra os cobardes assassinos.

Esta não é má! — A «Regeneración» diz a respeito do attentado contra a vida d'Amadeu o seguinte:

«Perdoem, meus senhores, a curiosidade.

E' certo que havendo declarado um dos prezos, por causa do attentado do Arenal, que era mação, e a loja a que pertencia, mandou o juiz pedir informações aos veneraveis d'aquella illustre corporação?

E' certo que os veneraveis responderam que tal individuo já não pertence á loja, havendo sido d'ella riscado seu nome, por haver attentado contra a vida do irmão Amadeu?»

SECÇÃO LITTERARIA

Lembranças da minha terra

Já quando o dia a esconder-se vae Lá no crepusculo d'uma noite escura, E a saudade de meus lares placida Surge em meu peito a derramar tristura;

Voar e ir, transpondo os montes, quero Vêr minha terra, despertar encantos, Que n'esses valles em silencio dormem Com meus segredos amorosos tantos

Lá quando o mar a revolver-se encanta Tão prateado pelo sol ridente, E, despertando d'onde eu hei nascido, Meigas lembranças já me vão na mente;

Voar e ir, etc...

E quando ao longe por detraz dos pinheiros Lá surgir vejo daõ risonha a aurora; Visão sublime me apparece então Traçando ao vivo meu viver d'outra;

Voar e ir, etc...

Se lá de longe o seu rugir eu ouço Da' veloz vaga que na praia expira; E, horas mortas, alta noite eu scismo Minha alma, oh! terra, só por ti suspira;

Voar e ir, etc...

Se a brisa meiga a soluçar fagueira Entre arvoredos ciciar ouvi; D'amor minh' alma em sua lyra canta Um hymno sancto que consagra a ti.

Voar e ir, etc...

E se, scismando e a chorar eu penso, Oh! minha terra, em não ver-te mais, Minh' alma então a debater-se em ancia Definha em prantos, em sentidos ais;

Então queria desprender-me aos ventos Só minhas crenças eu levar comigo Matar desejos, esta sede ardente E vêr-te em fim, e lá morrer contigo.

Cambres, Setembro de 1872.

A. T. Leomil.

TRISTEZA

Lá vae ao longe o giro seu segundo Men bello tempo, minha doce idade; Lá vão esp'ranças quasi todas murchas Apoz deixando bem mordaz saudade!

Lá se offuscon a tão brilhante aurora, Que tão fagueira me raiou na vida! Lá vão as crenças que alentei viçosas, Que dor, que vida de prazer despida!

Ai! quanto fogem que de mim se apartam Doirados sonhos d'essa vida em flor! Oh! quem vos vira e outra vez comnosco, Mirha ventura e illusões de amor!

Nuvem espessa d'um soffrer continuo Roubou-me tudo, escureceu meu norte! Sinto que a vida se m'esvae e fundia, Que mau destino que adversa sorte!

Que sorte avara, que fortuna escaça, Que tristes dias, que chorosa vida! Ai! que viver e que penar cruento, Que existencia só de dor vestida!

Que vale a vida sem viver gostoso?! Que vale o mundo sem ter n'elle esp'rança? Oh! pois que vale, que vale a existencia P'ra quem não tem nem alegria alcança?!

Que dor intensa que m'enluta a alma Ao vêr felizes que tantos na terra!.. Só meu tormento sem cessar me oppime, Tanto martyrio só meu peito encera!

Não quero risos nem tambem folgedos, Nem faustas galas de mimosa e; Deixem-me a vida só gosar nos rmos Onde do mundo não ouça o ruor!

Sómente aspira minha alma ao silencio D'esses desertos e ali viver; E ama as horas ao cair da tade, Que tão saudosa tambem diz — soffrer!

São estas horas que minha alma a encantam Lá quando a tarde já deixa dureza, São estas horas que lhe dá allivio E tudo quanto revelar — TRISTEZA!

Cambres, Setembro de 1872.

A. T. Leomil.

AGRADECIMENTO

Antonio Augusto d Cruz Braga, Jozefa Rodrigues Serzedel e Luiza Maria d'Assumpção Augusta da Cruz Braga, não podendo agradecer pessoalmente, a todas as pessoas que se digaram cumprimental-as por occasião do fallecimento de sua chorada filha e sobrinha Mra Adelaide Augusta da Cruz Braga, o fam por este meio protestando a todos a eterna gratidão.

Manoel Monteiro e Maria do Carmo, penhorados em extremo pelos cumprimentos que receberam por occasião do fallecimento da ex.ª sr.ª D. Maria do Carmo, e dos lares offerecidos por muitas pessoas secures, e pelos serviços que lhes prestaram todos eclesiasticos dignos d'este nome, agradecem por este meio, visto o não podar fazer pessoalmente, a todos, protestando a cada um, eterno reconhecimento e gratidão.

ANNUNCIOS

Doings José Gomes, negociante na rua d S. Vicente, n.º 72 d'esta cidade, e Caeno José Ferreira, na do Porto rua de D Pedro, n.º 117, estão encarregados de reber propostas de quem quizer comprarn' a rua de S. Lazaro a casa n.º 51, queoi de D. Joaquina Luiza da Fonseca; preferirão a que mais vantajosa se offerer.

EDITOR

M. J. V. da Rocha.